

Agenciamentos e Anonimato: Sobre a Experiência do *Anonymous*¹

Ramon Bezerra Costa²

Resumo:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a experiência do *Anonymous*, problematizando seu funcionamento, a criação de vínculos e sua forma de atuação política. O *Anonymous* pode ser entendido como um grupo de ciberativismo, sem liderança predeterminada, que foi responsável por diversas ações e protestos nos últimos anos, tanto no ambiente digital quanto fora dele. Primeiramente, trata-se do contexto de surgimento e de algumas ações do *Anonymous*, que ajudem a discutir sua atuação, refletindo sobre os agenciamentos que o configuram. Em seguida, discute-se a participação dos sujeitos e a questão do anonimato.

Palavras-chave:

Anonymous; Ciberativismo; Agenciamentos; Anonimato.

Introdução

O “grupo de hackers conhecido como *Anonymous*”. Embora prefiram ser chamados de hacktivistas, assim os meios de comunicação costumam se referir ao que ficou conhecido no mundo inteiro por organizar protestos contra grandes empresas e alguns governos. Entre as ações pelas quais receberam o crédito estão: “derrubar”³ sites dos governos do Egito, Turquia, Zimbábue, Itália, EUA, entre outros, assim como os de empresas como PayPal, Visa e Mastercard; e auxiliar nos levantes na África e sudoeste da Ásia, para ficar somente em alguns exemplos.

O início do que veio a ser chamado de *Anonymous* está no ano de 2003, em um lugar estranho para um grupo que ficou conhecido por ações que visavam defender direitos humanos e liberdades individuais: um fórum do 4chan, especificamente a seção “/b/ - Random”, um lugar repleto de pornografia, insultos raciais e humor

¹ Artigo apresentado no Eixo 4 – Política, Inclusão Digital e Ciberativismo do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC/UERJ). Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Email: ramonbzc@gmail.com.

³ Os sites são “tirados do ar” utilizando uma técnica conhecida como “ataque de negação de serviço” (DDoS - Denial of Service), que consiste em criar, artificialmente, um número elevado de solicitações simultâneas a um servidor, tonando as páginas hospedadas nele indisponíveis na Internet. Não é uma invasão do sistema, mas a sua invalidação por sobrecarga.

“politicamente incorreto”. O 4chan⁴ é um *imageboard*, uma espécie de fórum de discussão baseado na postagem de imagens e pequenos textos, no qual os usuários podem publicar os conteúdos que quiserem sem filtro e anonimamente. Quando um conteúdo é postado sem identificação, aparece ao lado “anonymous”, por isso o nome.

Ao contrário da maioria das chamadas redes sociais, o 4chan possui uma interface simples (que lembra os primeiros sites do início da década de 1990) e não mantém o histórico de discussão/postagem por muito tempo, sua longevidade é proporcional ao grau de interação/postagem que existirá nele.

No 4chan, os conteúdos estão agrupados por temas, mas a seção “/b/ - Random” serve para qualquer tipo de conteúdo. No “/b/”, se quiséssemos definir uma ação comum, que acontece a partir de diversas temáticas, seria a “trollagem” – uma espécie de piada, que busca chatear ou tirar “sarro” de alguém ou algo. As imagens são postadas no fórum e, não raro, ganham outras versões e/ou pequenas frases, que depois são disponibilizadas e “saem” do 4chan, ganhando outros sites, como o Facebook. Devido a esse funcionamento, muitos “memes”⁵ surgiram no “/b/”.

Com o tempo, as ações de “trollagem” desses usuários do 4chan ganharam outros lugares. Exemplo disso foi quando entraram em um site chamado Habbo Hotel⁶ (muito parecido com o famoso Second Life), no qual as pessoas criam avatares e interagem em uma cidade. Vários usuários do 4chan entraram no site e criaram inúmeros avatares iguais (um homem negro usando terno preto), enchendo a cidade e impedindo que as pessoas realmente interessadas usassem os serviços, como a piscina, por exemplo. A organização de ações como essa era muito simples: um usuário qualquer, anônimo, informava no “/b/” que faria determinada ação e convidava outros.

Assim, existia um grupo que acessava regularmente o “/b/ - Random” e que parecia ter algo em comum. Ações como a do Habbo Hotel talvez tenham contribuído para que as pessoas no 4chan tivessem o sentimento de que não estão sozinhas, pois não se conheciam ou trocavam mensagens particulares, toda interação era feita no /b/, do sujeito ao site, e voltada a ações que gerassem o riso, ridicularizando algo ou alguém.

⁴ <http://www.4chan.org/>.

⁵ O meme pode ser entendido como uma ideia que se espalha via Internet, podendo estar na forma de imagem, vídeo, ou mesmo uma palavra ou frase. O meme se espalha de pessoa para pessoa nas chamadas redes sociais, blogs, e-mail, entre outros.

⁶ Brasil: <https://www.habbo.com.br/>. EUA: <https://www.habbo.com/>.

Foi nesse ambiente de trollagem que surgiu o *Anonymous*, um grupo ou uma ideia, que acabou se tornando responsável por hábeis ações políticas.

Mudanças e agenciamentos

Aliar “trollagem” e crítica não é uma particularidade do *Anonymous* ou uma novidade contemporânea. Conforme diz Coleman (2012), os hippies, os situacionistas, o grupo Yes Men⁷, entre outros, já faziam isso. Talvez, uma possível diferença, ou novidade, seja o fato do *Anonymous* fazer isso a partir de uma forma de organização diferente, que é fluida, sem centro predefinido ou hierarquia, e a partir das redes digitais. Assim, foi em torno de uma espécie de espontaneidade que surgiu e se desenvolveu o *Anonymous*. É importante remontar alguns aspectos dessa trajetória para observar isto.

A partir do início de 2007, o “/b/” do 4chan deixou de ser apenas um lugar no qual eram postadas imagens consideradas engraçadas e organizadas “trollagens” para começar a emergir experiências mais organizadas. Isso aconteceu quando iniciaram as piadas e críticas contra Hal Turner, radialista e blogueiro americano, que defende a supremacia branca, afirmando que os negros ainda deveriam ser escravizados nos EUA por serem uma raça inferior, entre outras ideias preconceituosas. Turner, em seu programa de rádio, criticou algum usuário do 4chan, então vários foram em sua defesa (WE ARE LEGION, 2012). Conseguiram os números de telefone de Turner (que eram postados no fórum para que todos tivessem acesso) e passaram trotes, fizeram piadas em seu chat, “derrubaram” seu site, enviaram pizzas para sua casa (que ele precisou pagar) e contrataram acompanhantes. Além disso, também acessaram seus emails e descobriram que ele era um informante do FBI, o que tirou sua credibilidade. Após isso, seu programa saiu da Internet e ele foi processado por ameaçar juízes (WE ARE LEGION, 2012).

⁷ Esse grupo utiliza paródias e piadas como forma de crítica e ação política. Um exemplo famoso de suas ações aconteceu em 2004: um dos integrantes do grupo deu uma entrevista à BBC dizendo ser o porta-voz da empresa Dow Chemical, que tinha acabado de comprar a Union Carbide (empresa responsável por um desastre químico que matou milhares de pessoas). O ativista disse que a Dow Chemical iria acabar com a Union Carbide e custear as despesas médicas dos sobreviventes, a limpeza do local do acidente e investigar os riscos dos produtos da empresa. Isso gerou uma enorme cobertura de outros meios de comunicação e uma nota da empresa desmentindo as afirmações, o que repercutiu mais ainda. Como resultado, as ações da Dow Chemical caíram mais de 20%.

O funcionamento, ou modo de organização de uma ação como essa, era relativamente simples, por exemplo: um sujeito qualquer podia escrever um pequeno texto criticando o Turner, insultando-o e dizendo que merecia uma “lição”; outros faziam postagens concordando; alguém sugeria “derrubar” o site dele e enviava um tutorial ensinando como fazer isto; outros diziam para passarem trotes, mas qual o número do telefone? Então alguém descobria e postava o número para todos usarem. E assim acontecia. Alguns somente lendo as publicações e outros praticando as orientações, sem saber quem era o outro que colaborava e agia junto.

Após esse caso, o *Anonymous* começou a ser visto por quem estava de fora, e por quem o fazia, como um tipo de ativismo. É interessante notar que as ações contra Turner parecem ter surgido, principalmente, por uma “motivação pessoal”. Provavelmente todos já conheciam o blogueiro e suas ideias preconceituosas, mas foi a partir das críticas feitas contra alguém do 4chan que os usuários se sentiram motivados a agir.

Talvez o primeiro grande ato de ativismo do *Anonymous* tenha sido em 2008, contra a Igreja da Cientologia⁸, ação que ficou conhecida como “Projeto Chanology”. Nesse ano, começou a circular na Internet um vídeo no qual o ator Tom Cruise falava da Igreja, o que foi considerado engraçado por muitos e logo se alastrou. Em resposta, a Igreja ameaçou processar os sites se eles não retirassem o vídeo. As pessoas por trás do *Anonymous* encararam isso como uma censura da Internet e iniciaram uma mobilização contra a Igreja. Gabriella Coleman (WE ARE LEGION, 2012) diz que essa Igreja é como um oposto perfeito do *Anonymous*, pois é repleta de segredos, enquanto os jovens por trás daquela ideia cresceram na Internet, para quem a liberdade é um valor fundamental, que se manifesta por meio da livre circulação, apropriação e mudança dos conteúdos, dentre outras formas. Sendo assim, nada melhor do que atacar seu oposto perfeito, afirma Coleman (WE ARE LEGION, 2012).

Inicialmente, as pessoas por trás do *Anonymous* lançaram um vídeo⁹ no qual “declararam guerra” contra a Igreja da Cientologia e falaram, pela primeira vez, como um grupo/movimento. Após isso, começaram a postar o vídeo em vários sites, porém,

⁸ Essa Igreja foi fundada na década de 1950 nos Estados Unidos (atualmente existe em vários países) e atribui-se a fundação ao escritor L. Ron Hubbard. As ideias defendidas pela Igreja misturam elementos de várias religiões, como o budismo, o hinduísmo e o cristianismo, além de aspectos da psicoterapia.

⁹ O vídeo está disponível nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=JCbKv9yiLiQ>. Acesso em 23/07/2013.

com mais rapidez, os vídeos eram “derrubados”. As outras estratégias empreendidas contra a Igreja foram parecidas com as utilizadas contra Hal Turner: congestionar os telefones, enviar pizzas para serem pagas, enviar fax em branco e “derrubar” seu site.

Foram as ações contra a Igreja da Cientologia que levaram o *Anonymous* pela primeira vez às ruas. Foram feitos vídeos dizendo que eles iriam às ruas das maiores cidades do mundo que tivessem uma sede da Igreja e convocando mais pessoas. Além de chamar para o protesto, os vídeos também davam normas de conduta como “não leve arma” e “cubra o rosto”, a partir da qual surgiu a ideia de utilizar a máscara do Guy Fawkes¹⁰, bastante conhecida e que foi entendida como uma maneira de representar o anonimato fora da Internet.

Apesar de terem convocado as manifestações, os membros do *Anonymous* não acreditavam que realmente as pessoas sairiam da sua zona de conforto e iriam às ruas, contam alguns participantes (WE ARE LEGION, 2012). Porém, em diversas cidades, como Nova Iorque, Sydney, Tel Aviv, Londres, Berlin e Los Angeles, centenas de pessoas participaram dos protestos.

Até esse momento, as pessoas que faziam o *Anonymous* não sabiam quantos eram ou em quais cidades estavam. Alguns integrantes contam como se sentiram com as manifestações (WE ARE LEGION, 2012): alguns dizem que foi uma surpresa, mas também um estímulo ver que por trás das postagens existiam pessoas; outros contam que era como se todos se conhecessem, já que por anos riram das mesmas piadas, tinham os mesmos gostos e interesses; era uma mistura grande de homens, mulheres, não somente adolescentes do sexo masculino e nerds que nunca saíam de casa, como eles imaginavam.

A Igreja da Cientologia revidou. Divulgaram informações afirmando que enquanto eles eram pacíficos o *Anonymous* estava realizando ou incitando ameaças e assédios por telefone e emails contra pessoas da Igreja. Além disso, alguns membros do *Anonymous*, que foram identificados, começaram a ser seguidos e a receber ameaças de que seriam processados. Mas isso não parece os ter assustado. Alguns até colocaram as cartas em molduras e penduraram-nas na parede.

¹⁰ Guy Fawkes foi um soldado inglês que participou de uma conspiração no século XVII com o objetivo de assassinar o rei da Inglaterra e os membros do parlamento. A conspiração foi descoberta e Fawkes executado. O personagem ficou famoso quando, em 2006, o filme *V de Vingança*, adaptado de uma série de quadrinhos, mostra um personagem defensor da liberdade, que usa a máscara do Fawkes e tenta se vingar.

Quando o *Anonymous* iniciou ações mais organizadas, começaram a usar menos o 4chan e mais outros espaços para discutir, decidir e trocar arquivos, como o IRC (Internet Relay Chat)¹¹. A utilização dessa plataforma e o início de atividades com maior planejamento e discussão parecem coincidir com o momento em que o *Anonymous* passa a agir com mais intensidade na defesa de questões de caráter político. Exemplo disso foi quando saíram em defesa do WikiLeaks e do seu fundador, Julian Assange¹². Este site divulgou inúmeros documentos confidenciais do governo dos EUA, como informações sobre a guerra do Iraque, o que teve grande repercussão. Diante disso, empresas como PayPal, Mastercard e Amazon cortaram os serviços para o WikiLeaks, o que o impediu de receber doações, sua principal fonte de renda. Irritados com isto, membros do *Anonymous* realizaram um “ataque de negação de serviço” (ver nota de rodapé 1) naqueles sites, tirando-os do ar e causando prejuízo.

Após esse episódio, as ações de cunho político empreendidas pelo *Anonymous* só aumentaram. Em 2010, por ocasião das manifestações que culminaram com a deposição do ditador Zine El Abidine Ben Ali da Tunísia, o governo desse país censurou a Internet e roubou a senha do Facebook de algumas pessoas. Diante disso, alguns hackers desse país pediram ajuda ao *Anonymous*, dizendo-se *Anons*¹³, sendo que os integrantes dos EUA dizem que não sabiam da existência de membros naquele país (WE ARE LEGION, 2012). Os *Anons* ajudaram, especialmente, extraindo arquivos e enviando ao WikiLeaks para divulgação e “derrubando” alguns sites do governo. Cerca de um ano depois, os manifestantes agradeceram ao *Anonymous* pelo auxílio em um vídeo, dizendo que foram os únicos que ficaram ao seu lado.

O ponto alto da participação do *Anonymous* nas manifestações políticas talvez tenha sido quando auxiliaram os egípcios, também no contexto das manifestações que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”. Quando o governo do Egito “desligou” a Internet do país, o *Anonymous* ensinou como religá-la: coordenaram e fizeram funcionar centenas de linhas discadas. Também pesquisaram tratamento contra a ação de gás lacrimogêneo e outros usados pela polícia, elaboraram uma espécie de cartilha e

¹¹ Protocolo de comunicação utilizado na Internet para bate-papo e troca de arquivos, podendo a conversa ser em grupo ou privada.

¹² O WikiLeaks é uma organização sem fins lucrativos, com sede na Suécia, que divulga em sua página, de fontes anônimas, documentos e informações confidenciais de governos ou empresas, sobre assuntos de interesse público. O site foi fundado por Julian Paul Assange, jornalista, escritor e ciberativista australiano.

¹³ Como se chamam os membros do *Anonymous*.

conseguiram pessoas que traduzissem para o árabe. Colocaram tudo isso em uma página de fax e enviaram. Além disso, também “derrubaram” alguns sites do governo do Egito e ajudaram a divulgar informações sobre o que acontecia no país.

É importante enfatizar como esse poder de contribuição e intervenção política do *Anonymous* tem relação com a “dimensão técnica” das redes digitais. Foi o conhecimento de como funcionam os softwares, hardwares e toda a estrutura em torno que permitiu religar a Internet no Egito e “derrubar” os sites. Ainda que o movimento tenha chegado às ruas, nasceu, ganhou forma e se organiza via redes digitais. Sendo assim, o domínio das linguagens desse ambiente é fundamental, seja em nível básico, que permite a troca e o compartilhamento de mensagens, ou em nível avançado, que cria softwares e desobstrui a Internet em um país. A própria defesa da livre circulação de informação, que é fundamental ao *Anonymous*, passa pela dimensão técnica. E quanto mais os sujeitos conhecerem o funcionamento da “máquina”, de modo a criar com ela, mais efetiva poderá ser sua ação.

No discurso de vários *Anons* é comum a afirmação de que se sentem poderosos, tanto quanto grandes corporações e governos, pois conseguem causar prejuízos e intervir significativamente, como quando foram em defesa do WikiLeaks e “derrubaram” os sites de grandes empresas do mercado financeiro. É o domínio da técnica que permite isso, o que parece oferecer a quem usa, nesse contexto, o poder de se sentir “igual aos poderosos”.

Diante disso, é possível perceber que a experiência do *Anonymous* é marcada por uma relação complexa entre os desejos de trollar, de intervir politicamente e como as redes digitais contribuem nisso. E essa experiência parece se desenvolver em “agenciamentos”, que Deleuze e Guattari (1977) entendem como uma teia de elementos heterogêneos ligados por desejos. É uma noção mais ampla que a de sistema, estrutura, processo ou montagem e admite componentes de natureza diversa, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica e imaginária. Nesses agenciamentos, todos os elementos estão relacionados e se afetam mutuamente. Por exemplo, quando o desejo que prevalecia era o de trollar, de maneira desorganizada, espontânea e sem preocupação com o resultado, o fórum do 4chan era suficiente. Porém, quando se interessaram por ações mais organizadas, buscaram outras plataformas técnicas para isso, no caso o espaço privado do IRC.

Assim, o *Anonymous*, de uma plataforma de entretenimento, povoada por trollagens (muitas preconceituosas), surge um movimento político, mas não por uma sugestão ou imposição externa, possivelmente pelos afetos envolvidos. As intervenções começaram por um incômodo, praticamente pessoal, e foi adquirindo a dimensão de crítica política. A motivação dos sujeitos para as mobilizações pareceu passar menos por um aspecto racional/semântico e mais pela dimensão sensível/afetiva. Como diz Sampson (2012), o que nos move são os afetos, que se espalham de pessoa para pessoa, quando existe uma atmosfera social favorável.

E esses afetos são vários. Inicialmente, as ações do *Anonymous* podem ter começado como uma brincadeira, um passatempo divertido, pois mesmo no momento em que se investia contra a Igreja da Cientologia ou contra empresas em defesa do WikiLeaks, muitas pessoas podem ter se envolvido e “derrubado” sites por achar engraçado, e não porque estavam movidas por sentimentos como solidariedade ou indignação – o que não significa que outras pessoas não pudessem estar motivadas por esses últimos. Então, são vários afetos envolvidos, mas que podem convergir para o mesmo sentido. A facilidade para expressão, possibilitada pelas redes digitais, que faz parte da “atmosfera favorável”, contribui para essa manifestação, que pode ir ganhando outras dimensões e criando expressões novas de acordo com os afetos envolvidos.

Terranova (2004) diz que um sistema aberto permite que o novo possa emergir, pois permite criar. O fórum do 4chan pode ser considerado como aberto, já que não tem filtro ou a necessidade de criar um perfil para existir nele. Sendo assim, ele vai adquirindo diferentes sentidos de acordo com as intenções dos atores envolvidos. Nesse espaço aberto de circulação de afetos, a rede está sempre produzindo diferença (TERRANOVA, 2004), isto é, sempre surgem novas expressões e conexões, que emergem de acordo com os afetos envolvidos e são imprevisíveis. E essas novas expressões vão desde as práticas de trollagem até as intervenções de cunho político. Contudo, é difícil discernir o que é ação política e o que é trollagem na experiência do *Anonymous*, pois essas ações se misturam e existem juntas.

Assim, a experiência do *Anonymous* precisa ser encarada como um agenciamento entre os afetos, os sujeitos, as plataformas técnicas, a ambiência que existe, entre outros elementos, que configuram as expressões e que parecem se aproximar da ordem do imprevisto e do afeto.

A participação dos sujeitos

Nesses agenciamentos, os sujeitos atuam em cooperação. Sennett (2012), ao falar da experiência da esquerda no início do século XX, percebe dois tipos de cooperação: um tipo que enfatiza a necessidade de chegar a conclusões comuns, o que demonstra um objetivo dialético, e outro que prioriza o processo dialógico, isto é, a troca e a reciprocidade, podendo não chegar a objetivo nenhum. No primeiro tipo, a cooperação se assemelha a uma ferramenta, um meio, para se chegar a um lugar ou atingir um objetivo, no segundo, ela é mais um fim em si mesma, sem se preocupar com objetivos finalistas.

É interessante notar que no caso do *Anonymous* a cooperação assume essas duas faces. Em ações como no caso da Igreja da Cientologia existem objetivos claros e várias ações foram coordenadas para atingi-los. Embora o resultado esteja sujeito ao inesperado, tenta-se construir determinados e comuns fins. Por outro lado, nas ações de “pura trollagem”, como no caso do Habbo Hotel, não parece existir uma preocupação com os resultados, a situação que emerge a partir da cooperação entre os sujeitos pode acontecer ou não, e com resultados inesperados.

Os fenômenos que se dão nesses agenciamentos estão sempre em um “vir a ser”, podendo alterar sua configuração e emergir outra face. Um dos fatores que contribui para isso é a ausência de líderes ou de um centro que seja referência. Os sujeitos funcionam a partir de uma espécie de capacidade de auto-organização que emerge e não precisa esperar pelo chamado de entidades/organizações. Os descontentamentos dos sujeitos (desorganizados) podem se encontrar e gerar ação de forma “emergente” e espontânea. É mais o afeto e a emoção que os move, e menos a vinculação orgânica, sistemática e idealista a uma causa. Assim, são mobilizações que partem de elementos “micro” e “simplórios”, pela dimensão afetiva, sem regras prescritivas e que geram “macrocomportamentos”.

É possível notar isso nas ações do *Anonymous*, pois elas não têm um líder e não há hierarquia formal. Ainda que alguns sujeitos sejam mais ativos e influentes que outros, ou seja, ainda que alguém tome a frente de uma determinada ação, sugerindo algo ou explicando como fazer, é um processo fluido e a “liderança” costuma variar.

Sendo assim, as pessoas parecem se vincular às ações mais por identificação com a causa ou por envolvimento na atmosfera afetiva (seja de trollagem ou solidariedade), sem ideia de quem seja o outro com o qual estão cooperando. Pois, ao contrário de outras formas de organização política, os envolvidos não precisam preencher formulários, doar dinheiro, nem mesmo dar seu nome. Apesar disso, o sujeito se sente fazendo parte de algo maior, construindo junto, criando vínculos e confiando no anônimo.

A confiança é fundamental para a realização das ações e parece ser construída sem passar pelo conhecimento do outro, é, talvez, um processo mais afetivo, sensível, emocional. No caso do auxílio aos egípcios, por exemplo, os *Anons* tiveram grande trabalho para religar a Internet, fazer cartilha e enviar tudo. Foi tempo pessoal gasto com pessoas que eles não conheciam e que poderiam até não existir, pois alguém poderia se passar por elas. Apesar disso, eles agiram e confiaram.

Um exemplo de como esses laços e relações se constroem é o caso de Brian Mettenbrink, morador da cidade de Grand Island, no estado de Nebraska/EUA, que diz ter chegado no 4chan por acaso, viu um post sobre a Igreja da Cientologia, pesquisou sobre o assunto e viu que era uma boa causa. E ainda parecia muito simples participar da mobilização. Bastava seguir as instruções: instalar um software chamado “Low Orbit Ion Cannon”¹⁴, que podia ser baixado por qualquer pessoa, digitar www.scientology.org e apertar “go”, o que feito diversas vezes torna o sistema inutilizável. Mettenbrink disse que se sentiu parte do processo, levantou sua voz e foi ouvido sem nem precisar sair de casa (WE ARE LEGION, 2012).

Esse é o caso de muitas adesões, que podem ser pontuais e não orgânicas. Porém, existem inúmeros perfis e tipos de participação, como diz Coleman (2012), alguns são hackers, isto é, programadores qualificados que dominam as linguagens de computador e de sua rede mundial, outros têm conhecimento médio desse ambiente e alguns não dominam esses códigos, mas são motivados pelo pensamento de que a informação deve ser livre. Esses sujeitos interagem de diversas formas de acordo com seus conhecimentos e interesses. Existem aqueles que contribuem na edição de vídeos, que escrevem textos e manifestos. Há outros, como Brian Mettenbrink, que não podem

¹⁴ É um tipo de DDoS (*distributed denial of service*), processo que foi citado anteriormente na “nota 1”, que é utilizado para tornar um site indisponível a partir de milhares de pedidos de visualização ao mesmo tempo.

passar horas em salas de bate-papo deliberando sobre ações, mas que costumam se juntar aos ataques DDoS para “derrubar” sites, replicar mensagens e participar das manifestações públicas (COLEMAN, 2012).

Mesmo diante dessa variedade de vínculos, construídos nas condições citadas anteriormente, eles não parecem frágeis. Por conta das ações empreendidas pelo *Anonymous*, que foram descritas no item anterior, mais de 10 pessoas foram presas em diversas cidades dos EUA. A acusação principal foram os ataques contra as empresas que impediram as doações ao WikiLeaks (WE ARE LEGION, 2012). Dentre os casos, há uma garota de 19 anos, de quem o FBI apreendeu não só o seu computador, mas também de seus pais (WE ARE LEGION, 2012). A maioria dessas pessoas já está em liberdade, aguardam julgamento, e dizem não estarem arrependidas, que agiram certo e fariam novamente (WE ARE LEGION, 2012).

Um caso interessante é o de Brian Mettenbrink, preso pelos ataques de DDoS contra a Igreja da Cientologia. Cerca de seis meses após instalar o software e apertar o botão um sem número de vezes, policiais do FBI foram à casa de seus pais, armados, procurando por Brian, que morava em outro lugar. Após isso, foram à casa de Brian, que, assustado e sem entender o motivo da visita, só percebeu o que tinha acontecido quando o questionaram sobre o *Anonymous*. Ele foi uma das pessoas que mais utilizou o programa para “derrubar o site”, por isso chegaram até ele. Brian foi condenado a um ano de prisão e um ano de condicional, na qual não poderia se aproximar de um computador. Apesar disso, ele diz que faria tudo novamente (WE ARE LEGION, 2012).

Após esses casos de perseguições e prisões, teve início uma discussão no *Anonymous* com alguns dizendo para voltarem com as trollagens e outros defendendo as intervenções políticas. Com isso, até houve uma espécie de dissidência entre alguns membros que se afastaram e criaram o “LulzSec”¹⁵, enquanto outros continuaram com as ações.

A ética do anonimato

¹⁵ O “LulzSec” foi um grupo com alguns *Anons*, mas que se juntaram para realizar ações fora do que vinha fazendo o *Anonymous*. Eles hackeavam e liberavam o que queriam, sem regras ou motivo aparente. Praticaram ações como roubar números de cartão de crédito e hacker sites de empresas de mídia.

Embora tenha se caracterizado como um grupo político, o *Anonymous* não tem um programa definido, mas possui algumas regras: os *Anons* não podem se autopromover; não devem “atacar” os meios de comunicação; nem promover a violência. Quem descumprir essas normas pode ser expulso do fórum do IRC. A primeira é uma regra que demonstra sua tendência “antilíder” e “anticelebridade” (COLEMAN, 2012). Essa regra parece tentar modular a concentração de poder. Coleman (2012) afirma que os participantes lembram uns aos outros o tempo todo de que não devem se comportar como um líder, nem procurar atendimento pessoal na mídia.

O antipersonalismo, além de tentar minimizar as relações de poder, é uma estratégia que vai ao encontro de uma característica fundamental do *Anonymous*, o anonimato. Alguns membros dizem que seu poder está na habilidade de ser qualquer um (WE ARE LEGION, 2012). Embora esse anonimato já tenha sido quebrado algumas vezes, ele tem sua parcela de contribuição e é um aspecto importante.

É interessante observar o ocultamento da identidade em um momento de grande exposição da vida pessoal nas chamadas redes sociais e quando as empresas e o Estado utilizam ferramentas para coletar, monitorar e vender essas informações (guardadas as devidas proporções nos diferentes lugares do mundo). Talvez por esse lugar que a exposição ocupe é que subverter requer esconder.

Foucault (2010) entende que as noções de liberdade e ética estão relacionadas. Para ele, “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2010, p. 267). A ética, nessa perspectiva, é entendida como prática racional, como escolha, por isso é uma forma de liberdade. Nesse sentido, talvez seja possível considerar que o *Anonymous* possui uma “ética do anonimato”, pois ocultar sua identidade foi uma escolha para exercer a liberdade e que implica em se constituir e funcionar de certa maneira.

O *Anonymous* propõe praticar o anonimato em nome da coletividade. O ocultamento da identidade é em favor da elaboração de uma espécie de sujeito coletivo. Sendo assim, o anonimato não suprime as singularidades, os diferentes interesses e leituras sociais, por exemplo, mas elas colaboram e compõem um comum, que se manifesta na defesa da liberdade de expressão frente às empresas que tentam inibi-las,

como no caso do WikiLeaks, ou na defesa dos direitos humanos contra as ditaduras do mundo árabe.

Não se pode esquecer a dimensão do afeto ali envolvida. É frequente entre os *Anons* a afirmação de que são uma só voz, por isso não mostram seu nomes e rostos. Então, há uma espécie de unidade na diversidade de pessoas que não se conhecem, mas que estão unidas em determinados momentos por afetos, interesses e que parecem confiar umas nas outras.

Uma dimensão importante dessa ética do anonimato é que ela transcende as leis. Eles possuem um conjunto de valores (“a informação é um direito e deve circular livremente”; “não deve existir censura”; “liberdade de expressão é fundamental”; entre outros) e os defendem independente das sanções. Parece que dizem: “tudo bem, posso ser preso (a), mas farei o que acho certo”. É um conjunto de regras oriundas da sua liberdade de escolher e de se constituir eticamente, uma ética própria, que se manifesta em uma determina forma de estar no mundo.

O anonimato permite aos *Anons* agirem sem filtro e fortalece o exercício da sua ética que transcende as leis. O anonimato é uma condição de possibilidade da transparência, da franqueza e da ação, tal como eles desenvolvem. Isso lembra a noção de “parrhesía” que Foucault (2006) retoma ao estudar os processos de constituição do sujeito na filosofia antiga. Parrhesía diz respeito a uma técnica de franqueza, falar a verdade, que pressupõe uma liberdade. Porém, não é qualquer franqueza, mas sim aquela que modifica e busca uma melhoria do sujeito. O anonimato permite ser quem se é, defender as causas que se acredita, minimizando, ou atrasando, as sanções.

Com o *Anonymous*, o anonimato deixa de ser apenas uma forma de ocultamento e proteção individual para se tornar a arma de um grupo, uma forma de organização sem líder. Ocultar o sujeito é também uma forma de resistir que caminha na contramão dos processos de subjetivação atuais, que incitam a exposição e mapeiam rastros, facilitando o controle. Então, é uma resistência porque induz a criação de outro sujeito menos personalista e anônimo, que pode circular e agir com mais facilidade.

Os sujeitos que fazem o *Anonymous* agem de suas casas, seus quartos, suas vidas privadas. É desses lugares que “derrubam” sites, circulam informações e organizam as trollagens. Essa é uma forma de ação política que ganha dimensão macro, pública, mas que é administrada na vida íntima. Essa ética do anonimato pressupõe uma escolha que

envolve, inclusive, a doação de parte da vida privada. A coexistência entre esses dois campos na política não é uma novidade, conforme mostra Fabián Ludueña Romandini (2012), mas na experiência do *Anonymous* isso é evidenciado, além de ser uma condição de possibilidade da sua ação.

Assim, o *Anonymous* traz uma experiência política que mostra uma reunião da vida pública, comum, com a vida íntima, particular. São pessoas que se recusam a usar as tecnologias de uma determinada maneira e a viver de certa forma, que preferem inventar, resistir e criar. São sujeitos que parecem investir parte da sua vida na resistência, buscando linhas de fuga.

Últimas considerações

A partir das ideias sugeridas, e ainda que algumas questões tenham sido mais apontadas do que propriamente esclarecidas, este trabalho apresentou algumas pistas e caminhos para a reflexão sobre um fenômeno que parece bastante rico e diverso. De trollagens ao apoio às revoluções árabes, o *Anonymous* é, sem dúvida, algo de difícil definição, parece mais uma ideia que está acontecendo e se construindo na ação, podendo mudar sempre, e operando na dimensão micro, mas nem por isso deixando de alcançar mudanças ou expressões macro.

Apesar das ações de cunho político, o *Anonymous* não se tornou um “observatório de direitos humanos” ou algo parecido, e as intervenções políticas não eliminaram a trollagem (COLEMAN, 2012). Essas duas dimensões estão sempre presente, os próprios protestos figuram entre o sério e o jocoso. Protestos esses que atingem grande visibilidade, ao mesmo tempo em que o sujeito particular é invisibilizado. Porém, ocultar o sujeito pessoal só é possível por se tratar de uma ação política que não tem como meta a legitimação em um quadro político já existente, seu objetivo parece ser questionar, mudar fluxos de poder, protestar, enfraquecer o outro, mas não oferecer uma sugestão ou alternativa a algum problema. É uma ação que parece visar a crítica, a intervenção, que não busca outro lugar além do que já é seu, e que parece vigiar a espera de um erro para “corrigir”, pois, como dizem: “We are Anonymous. We are Legion. We do not forgive. We do not forget. Expect us”.

Referências

ANONYMOUS. Hi, The following post is [about] anonymous. In: JENKINS, Henri. **Confessions of an Aca/Fan**. 2008. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2008/04/anon.html>. Acesso em: 03 jul. 2010

COLEMAN, Gabriella. **Anonymous**: from the Lulz to Collective Action. NYU. 6 de abril de 2011. Disponível online em: <http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/anonymous-lulz-collective-action>. Acesso em: 25 jun 2013.

_____. Our Weirdness Is Free, The logic of Anonymous—online army, agent of chaos, and seeker of justice. In: **Triple Canopy**, January 2012. Disponível em: http://canopycanopycanopy.com/15/our_weirdness_is_free#. Acesso em 13 jun 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FELINTO, Erick. Hackers, enxames e distúrbios eletrônicos: erro e ruído como fundamentos para uma poética das redes. In: **Academia.edu**. 2013. Disponível online em: http://www.academia.edu/3822541/Hackers_Enxames_e_Disturbios_Eletronicos_Erro_e_Ruido_como_Fundamentos_para_uma_Poetica_das_Reddes. Acesso em: 30/06/2013.

FONTANELLA, Fernando (Setembro 2010). Nós somos Anonymous: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. (PDF). XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010 pp. 15. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Página visitada em 23 de Fevereiro de 2011.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si com prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos V, 2010.

_____. **A hermenêutica no sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. Antropotecnia. In: **A comunidade dos espectros**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.

SAMPSON, Tony. What Spreads? From memes and crowds to the phantom events of desire and belief. In: **Virality** – Contagion theory in the age of networks. Minesota: Univ Of Minnesota Press, 2012.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TERRANOVA, Tiziana. Network Dynamics. In: **Network culture**: politics for the information age. London: Pluto Press, 2004.

WE ARE LEGION: the story of the hacktivists. Direção: Brian Knappenberger. FilmBuff, 2012. Online. 93 min.